

UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES

LARISSA RIBEIRO DE CARVALHO

**A LÍNGUA DO TRÁFICO: ANÁLISE DE GÍRIAS E INSTRUMENTALIZAÇÃO DA
LÍNGUA PORTUGUESA POR TRAFICANTES DE DROGAS DO RIO DE JANEIRO**

RIO DE JANEIRO

2022

LARISSA RIBEIRO DE CARVALHO

A LÍNGUA DO TRÁFICO: Análise de Gírias e Instrumentalização da Língua
Portuguesa por Traficantes de Drogas do Rio de Janeiro

Artigo apresentado como requisito parcial para
obtenção da graduação em Licenciatura em
Letras, Português e Respektivas Literaturas da
Universidade Candido Mendes.

Orientador: Prof^a ° Me. Antonio José Carneiro Cardoso

RIO DE JANEIRO

2022

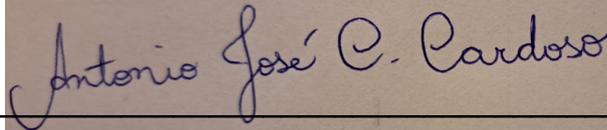
LARISSA RIBEIRO DE CARVALHO

A LÍNGUA DO TRÁFICO: Análise de Gírias e Instrumentalização da Língua
Portuguesa por Traficantes de Drogas do Rio de Janeiro

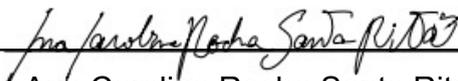
Artigo científico apresentado como requisito parcial
para obtenção da graduação em Licenciatura em
Letras, Português e Respectivas Literaturas da
Universidade Candido Mendes.

Rio de Janeiro, 5 de dezembro de 2022

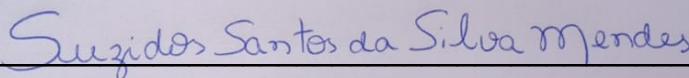
BANCA EXAMINADORA



Antônio José Carneiro Cardoso
Mestre em Linguística (UNICSUL)
Universidade Candido Mendes



Ana Carolina Rocha Santa Rita
Mestra em Letras (UFF)
Universidade Candido Mendes



Suzi dos Santos da Silva Mendes
Especialista em Memória, Cultura e Sociedade (IFF)
Instituto Federal Fluminense

Dedico este trabalho, primeiramente, ao meu "eu" de infância: À Larissa sonhadora, corajosa, estudiosa e que não mediu esforços para conquistar este desafio. Também aos meus pais, Ricardo e Verônica, por todo o suporte de sempre, e ao Alison, que mesmo longe, foi fundamental em todo esse processo desde o início.

RESUMO

A sociolinguística analisa as diferentes maneiras que os seres humanos encontram para mediar suas comunicações. Esta pesquisa despiu-se de preconceitos para analisar a instrumentalização da Língua Portuguesa Brasileira por traficantes de drogas, com enfoque no uso de gírias. Com o corpus selecionado de dois áudios entre traficantes de facções rivais, percorremos o caminho das gírias utilizadas por tais criminosos, observando por quais mudanças semânticas, sintáticas e morfológicas tais vocábulos passaram. Este trabalho não busca exaltar a vida criminosa dos traficantes, mas sim, reconhecer um fenômeno linguístico característico deste grupo, desvendando, inclusive, relações de poder e identidade estabelecidas a partir do discurso mediado por tal linguagem.

Palavras-chave: Sociolinguística; Gírias; Tráfico de drogas

ABSTRACT

Sociolinguistics analyzes the different ways that human beings find to mediate their communications. This research stripped itself of prejudices to analyze the instrumentalization of the Brazilian Portuguese language by drug traffickers, focusing on the use of slang. With the corpus selected from two audios between drug dealers from rival factions, we followed the path of the slang used by such criminals, observing which semantic, syntactic and morphological changes such words went through. This work does not seek to exalt the criminal life of traffickers, but to recognize a linguistic phenomenon characteristic of this group, even revealing power and identity relations established from the discourse mediated by such language.

Keywords: Sociolinguistics; Slangs; Drug dealing

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
1.1	REVISÃO DE LITERATURA	8
1.2	METODOLOGIA	9
2	DESENVOLVIMENTO	11
2.1	A GÍRIA	11
2.1.1	<i>A GÍRIA COMO ELEMENTO DE IDENTIDADE</i>	12
2.1.2	<i>ANÁLISE DAS GÍRIAS PRESENTES NO CORPUS</i>	13
2.2	OUTROS ELEMENTOS ANALISADOS NO CORPUS	17
2.3	PRECONCEITO LINGUÍSTICO	18
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
	REFERÊNCIAS	21
	ANEXO A — Transcrição dos áudios	24

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o objetivo de analisar como são estabelecidas as mediações comunicativas entre traficantes de drogas da capital do Rio de Janeiro e região metropolitana por meio da instrumentalização em gírias da Língua Portuguesa Brasileira. Em suma, o estudo desprende-se de julgamentos do senso comum para uma avaliação científica de um fenômeno linguístico existente na citada parte marginal da população do Rio. As discussões aqui desenvolvidas buscam responder como os traficantes do Rio de Janeiro utilizam-se da língua portuguesa para estabelecer comunicações efetivas entre si, por vezes com significados existentes apenas entre os próprios participantes do grupo estudado.

O estudo funcionalista de uma língua tem dois objetivos: i) o interesse de verificar como se alcança a comunicação; e ii) como os interlocutores utilizam a língua para que esta seja eficiente (CASTELANO, 2014). Criminalidade, tráfico de drogas e poder paralelo são uma realidade da cidade do Rio de Janeiro, a ver o “Mapa dos grupos armados do Rio de Janeiro”, elaborado coletivamente pela Universidade Federal Fluminense e pela Universidade de São Paulo.¹ O domínio das facções criminosas no território carioca é predominante em diferentes regiões da Cidade Maravilhosa. Não à toa, o estereótipo do “cariquês” é constituído por um falar malandro, repleto de gírias e composto por expressões ligadas ao cotidiano das favelas e do tráfico de drogas (GENERALI, 2011).

Apesar de toda essa presença, os trabalhos direcionados a esses grupos sociais são por vezes pouco voltados à análise da comunicação estabelecida entre os indivíduos participantes, uma vez que a “função laboral” da língua usada por traficantes está vinculada à ilegalidade, ao crime e à marginalidade social. O uso da gíria acaba por ser uma maneira também desses indivíduos adaptarem a língua portuguesa brasileira a fim de atender às necessidades comunicativas do grupo criminoso, de modo a efetivar as mediações entre os traficantes cariocas. Em áudios que circulam nas redes, por exemplo, é notável a recorrência da ausência de concordância verbal e nominal, do apagamento do /s/ pós-vocálico; porém, para

¹ O datalab Fogo Cruzado, o Grupo de Estudos dos Novos Ilegalismos da Universidade Federal Fluminense, o Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo, o Disque-Denúncia e a plataforma digital Pista News trabalharam coletivamente para elaborar o mapa dos grupos armados do Rio de Janeiro para o ano de 2019. Pelo NEV-USP, participam os pesquisadores Erick Gómez Nieto e Bruno Paes Manso. [Mapa dos grupos armados do Rio de Janeiro – NEV USP](#)

além disso, Dino Preti (2002) defende que existem gírias que ressignificam palavras da língua para atender aos interesses do crime.

“As gírias são expressões linguísticas [...] que contribuem para demarcar estes grupos, e assim, identidades, diferenciando-os dos demais” (DA COSTA BATISTA, 2016, p.4). Uma vez observadas as variações linguísticas presentes na linguagem de traficantes do Rio, é possível analisar de que modo esses desenvolvem uma noção identitária e de pertencimento para como universo criminoso, tendo em vista o papel de organizador sociocultural estabelecido pela língua.

Embora as práticas criminosas devam, sim, ser condenadas, o estudo do fenômeno linguístico presente neste ambiente se faz necessário tanto para a documentação e análise científica quanto para a formalização de um fenômeno sociopolítico que, apesar de corromper as leis nacionais, existe na sociedade carioca e não pode ser ignorado.

1.1 REVISÃO DE LITERATURA

Para desenvolver a análise das gírias utilizadas por traficantes do Rio, faz-se necessária a revisão da literatura, que embasará esta produção científica. Esse trabalho de teor bibliográfico dará a fundamentação teórica para tratar o tema da pesquisa, traçando assim um quadro teórico para a estruturação conceitual (SILVA; MENEZES, 2005).

O processo sócio-histórico de constituição da realidade linguística brasileira é bipolarizado (LUCCHESI, 1994; 1996, 1998a; 1999; BAXTER; LUCCHESI, 1997). No seio das camadas populares nacionais, ocorrem, desde os princípios da colonização, drásticas transformações linguísticas, decorrentes do extenso, massivo e profundo contato do português com as línguas indígenas e africanas (LUCCHESI, 2001). Assim, é interessante observar que o português popular brasileiro surge a partir da miscigenação linguística estruturada entre os falantes portugueses europeus e descendentes de europeus junto aos indígenas aqui residentes, africanos e seus descendentes.

Tendo em vista que a língua funciona como um elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade que ele atua (PRETI, 1994), esse contexto sociolinguístico propiciou as condições para a ocorrência de processos de transmissão linguística

irregular, a partir de milhões de africanos trazidos para o Brasil como escravos (LUCCHESI, 2001). Nos séculos de colonização do país, enquanto os pequenos centros urbanos eram ocupados majoritariamente pela aristocracia europeia e a língua mantinha fiel às normas cultas do português europeu, nas vastas regiões do país ela passava por drásticas alterações, principalmente por conta da aquisição precária que dela faziam negros, índios e mestiços (LUCCHESI, 2001).

Essas diferentes maneiras de interação com a língua originaram variações no português brasileiro, que foram acentuadas sobretudo com as transformações urbanas sentidas principalmente a partir do século XXI. Tais variações podem ser subordinadas em dois amplos campos: o de variedades diatópicas e o de variedades diastráticas (PRETI, 1994). O português sofreu profundas alterações ao ser adquirido inicialmente pelos índios aculturados e posteriormente por contingentes de escravos trazidos da África, desencadeando um processo de transmissão linguística irregular que marcou decisivamente a formação das atuais variedades populares da língua portuguesa no Brasil (LUCCHESI, 2001).

Uma dessas variedades componentes da língua é a gíria, definida como uma alteração de sentido de um vocábulo já existente na língua (PRETI, 2002). O uso das gírias é um dos aspectos caracterizantes da comunicação estabelecida entre traficantes de drogas do Rio de Janeiro, uma vez que toda variedade linguística atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam (BAGNO, 1999). Por ser usada por traficantes, é evidente como tal linguagem torna-se desprestigiada socialmente, embora não exista nenhuma variedade nacional, regional ou social que seja intrinsecamente “melhor”, “mais pura”, “mais bonita”, “mais correta” que outra (BAGNO, 1999).

Os vocábulos gírios demonstram que existe, muitas vezes, uma forma de se relacionar a gíria com a visão que o falante expressa do mundo em que vive. Daí podermos considerar a gíria como um dos instrumentos verbais na luta de classes (PRETI, 2002). Achar que a gramática normativa é o único instrumento válido para analisar os fenômenos da língua é de uma estreiteza intelectual a toda prova (BAGNO, 1999). Embora seja costume associar a gíria à linguagem vulgar, talvez pelo seu uso abusivo, repetitivo, às vezes em situações de interação em que não é desejada, na verdade, constitui um importante recurso expressivo e reflete a capacidade inventiva do povo (PRETI, 2002). É essa capacidade inventiva,

desenvolvida por criminosos de drogas do Rio, que este trabalho se dispõe a analisar.

1.2 METODOLOGIA

Este artigo pretende analisar a mediação estabelecida por traficantes da capital do Rio de Janeiro por meio de gírias e instrumentalização da Língua Portuguesa Brasileira. Para atingir os objetivos deste estudo, a metodologia escolhida foi a de natureza qualitativa de cunho exploratório, uma vez que procura desenvolver e esclarecer alguns conceitos e ideias (GIL, 2010), com base no corpus de dois áudios que repercutiram nas mídias sociais e nos noticiários jornalísticos², em que traficantes de drogas trocam ameaças sobre o domínio de duas favelas.

No primeiro áudio analisado³, o traficante Celso Pinheiro Pimenta, conhecido como “Playboy”, ameaça invadir os morros do Juramento, em Vicente de Carvalho, e do Jorge Turco, em Rocha Miranda. Ele era apontado pela polícia como chefe da comunidade do tráfico do Morro da Pedreira, na Pavuna, comandado pela organização criminosa Amigos dos Amigos (ADA)⁴. O segundo áudio analisado⁵ conta com a resposta de traficantes da organização criminosa rival, o Comando Vermelho (CV)⁶, a “Playboy”.

Assim, a partir da descrição desses áudios, fizemos uma análise sociolinguística dividida em duas partes. A primeira, detém-se a verificar as gírias enunciadas pelos traficantes, observando como um vocábulo já existente na língua teve seu sentido alterado para atender aos interesses da estratégia comunicativa do grupo observado (PRETI, 2002). A segunda, dedica-se à análise de alguns traços estratificados socialmente, comumente apontados como “erros”, que inclusive catalisam o processo de preconceito contra o falante (LABOV, 1972).

² [G1 - Em gravação, Playboy faz ameaça a facção rival no Juramento, no Rio - notícias em Rio de Janeiro \(globo.com\)](https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2002/07/15/em-gravacao-playboy-faz-ameaca-a-faccao-rival-no-juramento-no-rio-noticias-em-rio-de-janeiro-globo-com.html)

³ [MUNDO DO TRAFIC0 RJ 🇧🇷 no Twitter: "Traficante Playboy da facção ADA ameaçando a cúpula da facção CV 🗨️ Playboy é o maior traficante da historia do Rio. https://t.co/xXezSBK9vL" / Twitter](https://twitter.com/MUNDODOTRAFFICO/status/1505631967945150464)

⁴ <https://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2002/traficonorio/faccoes-ada.shtml>

⁵ <https://twitter.com/Camisasrj33/status/1505631967945150464>

⁶ <https://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2002/traficonorio/faccoes-cv.shtml>

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A GÍRIA

Os dialetos podem ser entendidos como variáveis próprias do falante, relacionadas à sua origem geográfica e classe social (GENERALI, 2011). A gíria, por sua vez, é um registro, ou nível de fala, típico de contextos comunicacionais específicos, é uma das fontes expressivas da língua e se dissemina não apenas entre as classes menos favorecidas ou entre os falantes jovens (PRETI, 2002). O vocabulário gírio registra-se, em um primeiro momento, em grupos específicos como um recurso lexical para expressão de seus valores, mas depois, na maioria das vezes, acaba por disseminar-se na fala popular. A gíria é uma linguagem de conotação porque nela o plano da expressão constitui por si só uma linguagem que remete a um significado específico (CABELLO, 1991).

A gíria constitui-se, assim, uma alteração de sentido de um vocábulo já existente na língua (PRETI, 2002). Basicamente, é a ressignificação de uma palavra com sentido já consolidado no meio da sociedade, podendo inferir, para além da mudança de valor semântico, alterações no nível fonético, morfossintático e lexical. (CABELLO, 1991). O vocabulário gírio pode, então, ser definido como um recurso linguístico a partir da alteração de sentido de um vocábulo já existente na língua (PRETI, 2002).

No caso das gírias utilizadas por traficantes de drogas do Rio de Janeiro, nota-se o fenômeno da variação diastrática (PRETI, 1994), uma vez que se trata de uma variedade linguística de acordo com o nível socioeconômico do falante, neste caso, os traficantes, que os separa de outros indivíduos de diferentes conjuntos sociais. Conforme formula Dino Preti, a profissão – e aqui consideramos as “funções laborais” dos traficantes de drogas – atua decididamente no campo da linguagem em que os falantes utilizam um vocabulário condizente com suas atividades. Soma-se à variação diastrática a posição social, no caso dos traficantes, marginalizada; o grau de escolaridade, que também se aplica aos traficantes de drogas, uma vez que a baixa escolaridade é um fator presente na grande maioria de crimes ocorridos, e que a violência está interligada diretamente com o nível de estudo dos indivíduos; (PINHEIRO, 2020) e o lugar em que tais pessoas residem na comunidade.

Esses fatores acabam por nichar indivíduos comuns em grupos específicos, cuja língua atua como instrumento de demarcação de um caráter identitário. Ao surgir no meio desses conjuntos sociais, pode-se considerar uma gíria de grupo, reservada ao vocabulário de grupos restritos. Quando esses grupos sociais restritos, pelo contato com a sociedade, vulgarizam seu comportamento e sua linguagem, perde-se o signo de grupo. Neste caso, a gíria se incorpora à língua oral popular.

2.1.1 A GÍRIA COMO ELEMENTO DE IDENTIDADE

O fenômeno de surgimento de uma gíria busca se adaptar às intenções comunicativas discursivas de determinado grupo que a criou, neste trabalho específico, o vocabulário gírio escolhido instrumentaliza a comunicação na disputa pelo poder entre criminosos de facções rivais. A linguagem funciona não somente como uma característica predominante deste grupo, que o diferencia dos outros, como também revela entre seus integrantes que ambos pertencem ao mesmo patamar social. No caso dos traficantes de drogas, o vocabulário gírio faz parte de todo o jogo de poder envolvido nas disputas pelos territórios. O sentido do significado das palavras detém-se a códigos como instrumentos de poder, privilégios, opressão, massacre (CASTELLIANO, s.d.).

Esses jovens têm sua própria linguagem, têm suas próprias leis. Se realmente quer entendê-los, terá que fazer um esforço tanto para compreender suas expressões gramaticais, quanto suas atitudes, e, para isso, cada um de nós tem que se despir de ódio que nutrimos e de todo medo que desenvolvemos a partir dele. (ATHAYDE, 2006, p. 10)

Os vocábulos gírios demonstram que existe, muitas vezes, uma forma de se relacionar a gíria com a visão que o falante expressa do mundo em que vive (PRETI, 2002), um registro de fala com o qual se comunicam de maneira intrínseca, ou seja, o falar já lhes é interiorizado, todos eles compreendem a que o outro se refere ao usar determinada palavra (CASTELLIANO, s.d.). Mais do que serem moradores de comunidades rivais, os criminosos identificam o outro como potencial rival a partir da designação subjetiva que atribuem aos significados dos vocábulos. A gíria exerce uma função social de elemento identificador e autoafirmativo, diferenciando o falante de demais grupos existentes na sociedade.

Embora neste artigo o estudo esteja voltado às análises de gírias de traficantes de drogas, é importante pontuar que o vocabulário gírio é um fenômeno da língua portuguesa brasileira, e as variantes gírias de nível fonético, morfossintático, lexical e semântica estão presentes nas mais variadas camadas e estratos sociais, embora esteja mais ligada a grupos menos favorecidos ou de oposição a forças hegemônicas de poder.

Apesar de as gírias estarem ligadas culturalmente a uma linguagem vulgar, logo, associada às classes desvalorizadas, não se pode restringir e generalizar, pois mesmo em menor escala e disseminação popular, o uso e criação das gírias é também uma realidade de classes sociais mais elevadas. (DA COSTA BATISTA, 2016, p. 5)

No geral, a população brasileira se expressa melhor com as gírias do que com os verbetes dos dicionários (LOPES et al, 2013), o que só reforça a importância de dedicarmos um estudo voltado à análise dessas variantes. Direcionar um olhar de desprestígio ao vocabulário gírio, como se ele fosse um agente empobrecedor da língua, é equivocado haja vista que ninguém comete erros ao falar sua própria língua materna (BAGNO, 1999) e que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais (BAKHTIN, 1997).

2.1.2 ANÁLISE DAS GÍRIAS PRESENTES NO CORPUS

Logo no início do áudio, o traficante Playboy profere uma ordem aos traficantes rivais: “Brota.” Esta palavra, na gramática normativa, é a conjugação do verbo “brotar” na terceira pessoa do singular do presente do indicativo. Na fala do criminoso, é possível observar, de antemão, que o verbo não é conjugado corretamente, haja vista que ele se refere não somente a um interlocutor, mas a vários: “E aê, seus cuzão. [...] Brota.” (sic). Na norma padrão da língua, a conjugação ficaria “brotem”. Todavia, para além das observações da norma, é interessante analisar um novo sentido atribuído ao vocábulo “brotar”, no dicionário explicado como “produzir, lançar rebentos, vergôntes, ramos ou flores (falando de vegetais; Nascer, surgir, despontar, desabrochar.)⁷”, na língua do tráfico assume um significado de “ir até o lugar”. Ao dar a ordem de “brotar” aos traficantes rivais,

⁷ <https://www.dicio.com.br/brotar/>

Playboy quer dizer para que eles apareçam na comunidade, vão até lá. Tendo em vista que o código linguístico é multiforme e compreende uma hierarquia de subcódigos diversos (DA COSTA BATISTA, 2005), a depender da relação existente entre os falantes envolvidos na situação comunicativa, o valor atribuído, neste caso, é o de afronta, como se estivesse testando a coragem dos demais traficantes e intimidando-os.

Logo após intimar os rivais a "aparecer" (brotar) pela comunidade, Playboy especifica um lugar: "no miolo". A palavra "miolo" é um substantivo masculino explicado no dicionário⁸ como "parte interna do pão; parte interna de certos frutos que têm casca rija ou espessa; cérebro, massa encefálica." Assim, fica claro que tal palavra passou por um processo gírio, haja vista que seu significado, na linguagem dos traficantes, assume o significante também de parte interna, mas parte interna da favela nas quais eles dominam. Importante ressaltar que o "miolo" não é a favela do outro, mas sim a favela do enunciante, reforçando um espaço de poder associado à linguagem, pois é como se Playboy deixasse claro que "o miolo" é o território ocupado por ele, onde exerce domínio geográfico de força, ambientado com o lugar.

Outra palavra que tornou-se uma gíria entre os traficantes é o adjetivo "pesado", que no dicionário⁹ assume o significado de algo "que pesa muito; com excesso de peso", mas na linguagem deles tem a ver com a exaltação do poderio de armas de fogo. Quando Playboy diz "nós tá pesadão"(sic), fica subentendido, entre os traficantes, que ele não se refere a um peso propriamente dito, mas sim à quantidade de armas, de drogas e todos os demais elementos que podem configurar a riqueza de uma região de tráfico de drogas: granadas e coletes. Enunciar que está "pesado" para traficantes rivais também carrega manifestação de poder, afinal, funciona como um mecanismo de afronta mediado pela linguagem, em um contexto de intimação ao confronto. A linguagem, com seus signos, é uma das armas poderosas na construção das relações entre os traficantes, e a escolha de todos os recursos linguísticos é feita pelo falante sob maior ou menor influência do destinatário - neste caos, traficantes rivais (BAKHTIN, 1997).

O substantivo feminino "cria", explicado como "animal recém-nascido em período de criação"¹⁰, também passou por um processo gírio inicialmente entre os

⁸ <https://www.dicio.com.br/miolo/>

⁹ <https://www.dicio.com.br/pesado/>

¹⁰ <https://www.dicio.com.br/cria/>

traficantes, depois estendendo-se às comunidades e atualmente é vulgarizado popularmente. Na língua do tráfico, “cria” passou de substantivo para assumir valor semântico de adjetivo, referindo-se aos traficantes que são da mesma facção ou criados na mesma comunidade. De forma geral, “ser cria” é ser parte, é se identificar com aquele lugar, com aquela facção, com as práticas discursivas daquela comunidade e também com os costumes e “atividades laborais” - ainda que estas incluam crimes. Antes de Playboy dizer “é vários cria, pô”(sic), ele profere “é meu filho agora”, demonstrando como a gíria passa a ter um significado de pertencimento. Interessante também observar que, como gíria, no valor de adjetivo, “cria” não sofre, pelo menos na comunicação oral observada entre os traficantes, variações de gênero, nem de número, nem de pessoa.

Outra gíria presente entre os traficantes de drogas, e que até popularizou-se em letras de música¹¹, é “complexão”. A palavra é o aumentativo do adjetivo “complexo”, que tem como significado algo que é “Muito complicado, difícil; complicado, hermético ou uma construção com inúmeras partes que estão ligadas entre si, formando um todo”.¹² Porém, esse esforço semântico de intensificação da palavra, marcado pelo aumentativo, que também caracteriza mecanismos de formação da gíria (CABELLO, 1991) é acompanhado pela atribuição de um novo significado. Ao dizer “mó complexão”, o Playboy quer dizer que está na “maior paz”. É válido também observar como essa gíria costumeiramente vem precedida pelo “mó”, que suprime oralmente “r” final, bem como as vogais “a” e “i”, deixando apenas a vogal tônica da palavra.

O verbo “lamber” também passou por um processo gírio na comunicação entre os traficantes de drogas. Definido no dicionário como “passar a língua em alguma coisa”¹³, na expressão de Playboy “vô lamber tudo”(sic) indica que ele irá atirar nos traficantes rivais sem fazer distinção de pessoas e sem cautela. Mais uma vez, a linguagem do tráfico se apropria das gírias para funcionar como mecanismo de poder e afronta. Playboy ainda ordena aos rivais que “corram para longe”, porque ele vai “lamber” (atirar em) tudo. Esse processo gírio, caracterizado por atribuir um novo significado a um vocábulo já existente na língua, não vem acompanhado somente da mudança no valor semântico, mas também envolvido por todo um jogo

¹¹ <https://www.letras.mus.br/mc-poze/cpx-ta-tega-part-mc-maneirinho/>

¹² <https://www.dicio.com.br/complexo/>

¹³ <https://www.dicio.com.br/lamber/>

de entonação, característico da expressão oral, que reforça a intenção discursiva de atribuir o medo, oprimir, ameaçar, característicos desta linguagem marginal do tráfico.

A expressividade de determinadas palavras não é uma propriedade da própria palavra como unidade da língua e não decorre imediatamente do significado dessas palavras; essa expressão ou é uma expressão típica de gênero, ou um eco de uma expressão individual alheia, que torna a palavra uma espécie de representante da plenitude do enunciado do outro como posição valorativa determinada. (BAKHTIN, 1997, p. 295)

Depois das ameaças de Playboy, DJ do Mandela, traficante da facção rival, responde dizendo que “o bagulho tá doidão”. Neste caso, temos um exemplo de gíria que se popularizou no Brasil e acabou incorporando-se ao léxico da língua nacional. Porém, a primeira aparição de “bagulho” dá-se em 1820 no “Astro da Lusitania”, no sentido original, que faz referência à uva e suas sementes ou bagos. Além disso, a palavra “bagulho” também assumiu novos significados populares, como no jargão dos delinquentes, como objeto roubado ou furtado, que aparece já em 1948 em “A Noite Ilustrada” (WIEDEMER, 2015). Porém, na maneira como DJ do Mandela utiliza a palavra, ele, na verdade, refere-se a uma situação, querendo dizer que “a situação está boa” — importante observar que o aumentativo da palavra “doido” também passa a fazer parte do vocabulário gírio, significando ora “bom”, ora “ruim”, a depender do contexto utilizado.

Bagulho é uma gíria que assume diferentes significados, uma espécie de vocábulo valise que pode significar droga, referir-se a uma situação, nomear um objeto, enfim, assume diferentes sentidos dependendo do contexto. Já o substantivo doido, usado como predicativo do sujeito, é empregado tanto em sentido positivo, quanto em sentido negativo. Pode ser usado tanto para caracterizar uma pessoa sob efeito de drogas ou de álcool, quanto uma situação que não é compreendida, como ocorre no caso da expressão destacada. (WIEDEMER, 2015, p. 356)

Nem sempre as gírias se distanciam do significado comum delas, sendo possível a compreensão do significado do vocábulo mesmo por quem não participa da comunidade falante, como é o caso de “rajadão”, em que ocorre a formação de uma gíria apenas pela flexão em grau da palavra “rajada”, que significa uma “série ininterrupta de tiros dados por uma arma automática, uma peça ou uma unidade de

artilharia, com os mesmos elementos de tiro: rajada de metralhadora.”¹⁴ Quando DJ do Mandela diz que irão “escutar muito rajadão”, ele não foge tanto do sentido original, que especifica que são disparos de metralhadora, querendo dizer que muitos barulhos de tiro serão ouvidos. A mesma coisa acontece com “vermelhar”, quando DJ diz “nós vai vermelhar (sic)”, o processo desta gíria passa pela atribuição de um significado figurado do “avermelhar”, tornar vermelho, que é uma referência de que eles, da facção do Complexo Vermelho, irão tomar o morro dominado por Playboy, que é ADA.

Esse discurso gírio é a forma de instrumentalização da língua portuguesa utilizada por traficantes de drogas, de modo que os vocábulos já presentes no léxico passam a receber novos valores semânticos e alterações em seus usos conservadores da norma padrão para atender aos interesses dos traficantes. Tais interesses estão diretamente ligados às necessidades da realidade marginal em que vivem, afinal, o homem torna significativa tudo aquilo que o rodeia e, através da comunicação, adquire uma dada identidade ao tornar-se ser significativa para os outros (Mead, 1962: 245). A relação de poder exercida a partir dessa comunicação entre traficantes também é muito presente, ao enunciador cabendo sempre uma função discursiva de afronta ao rival e imposição de autoridade. O percurso semântico do vocábulo gírio mostra que ele se torna um recurso importante, principalmente para expressar sentimentos como crítica, ironia, ridículo, desprezo, humor (PRETI, 2002).

2.2 OUTROS ELEMENTOS ANALISADOS NO CORPUS

O emprego oral da língua do tráfico é caracterizado não somente por gírias, mas também por realizações linguísticas características de variações não apenas deste grupo, mas possível de serem encontradas em várias comunidades. Apesar de não serem específicas dos traficantes, é interessante observá-las, uma vez que compõem, de maneira geral, toda uma linguagem específica do nicho estudado e se apresentam várias vezes no corpus.

A queda do “r” em grupos consonantais é perceptível em exemplos como a fala do “pá” (p[ø]a) em vez de “pra” e “pú” em vez de “pro”: “Corre pá longe. Corre pu Chapadão, corre pá Alta, corre pá Vila Kennedy.” Outra queda também é do “u” ao

¹⁴ <https://www.dicio.com.br/rajada/>

final de verbos conjugados no pretérito perfeito do modo indicativo, como em “gostô”. A apócope do /R/ em verbos no modo indicativo também é recorrente a ver os exemplos de tomá, ficá, botá, falá. A redução do verbo no gerúndio -ndo para -n[ø]o também ocorre muitas vezes como em: quebrano, falano, teno. No caso de verbos conjugados no pretérito perfeito do indicativo na terceira pessoa do plural, como em ouviro e ganharo, em que a vogal baixa “a” é alçada para uma vogal mais alta, o “o”.

Também é recorrente a utilização de modalizadores, que são usados na interação verbal, em princípio, para exprimir o ponto de vista do enunciador (NEVES, 2006), despidos de seu real valor semântico e, na língua do tráfico, muitas vezes marcados por palavrões. Aliás, os palavrões por vezes ocupam muito mais esse lugar de modalizador na linguagem do que propriamente com alguma atribuição sintática ao discurso, já que a modalidade tem a função de expressar valores, atitudes e emoções do falante (CASTELANO, 2014). É como se o xingamento funcionasse até mesmo como um preenchedor de pausa, como nos exemplos: “Cês nem da ponte passô, seus cuzão. Se fuder. Tomar no cu Biscoitão, se ligô?”; “Ó, quem tá falando aqui é o DJ do Mandela, tá ligado?”; “Vai pulá igual pipoca, vai andá de calcinha, ô arrombado”; “Adorei a piscina, esculachô, se ligô?”.

A partir do momento em que esses vocábulos perdem seu valor semântico e podem ser retirados sem fazer falta ao discurso (BAGNO, 2011), passam a “[...] desempenhar funções de caráter discursivo, voltadas, principalmente, para a (re)organização da fala decorrente do fato de que essa modalidade é marcada pelo improviso” (MARTELOTTA et al., 1996, p. 280).

A ausência de concordância verbal e nominal é majoritariamente notável no corpus selecionado, sendo uma das principais marcas linguísticas da comunicação estabelecida entre os traficantes. Alguns exemplos são: “Os menó tá aqui, tá na pureza, nós tá na pureza com eles”; “Até domingo vocês me espera no Jorge Turco.”; “Os cara vai voltar”. Também foi interessante observar a supressão do “b” em “tamém” e a transformação de “L” em “R” nos encontros consonantais como em “Prayboy”.

2.3 PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Esses usos da língua, marcados por exemplo pela forte presença de gírias, pela ausência de concordância verbal e por apócoses, marcam a estratificação social e a marginalização dos traficantes de drogas do Rio de Janeiro. Essa classificação social promovida pela língua é o que gera preconceito, ao mesmo tempo em que também pode agenciar a aproximação de indivíduo, assim pode-se afirmar que a variação linguística está inteiramente ligada ao preconceito linguístico. Embora a gíria seja uma das fontes expressivas da língua e se dissemine não apenas entre as classes menos favorecidas ou entre os falantes jovens. Como vocabulário de grupo ela surge também entre os mais diversos grupos sociais, desde que possa constituir uma marca identificadora desses grupos (PRETI, 2002).

É preciso garantir, sim, a todos os brasileiros o reconhecimento (sem o tradicional julgamento de valor) da variação linguística, porque o mero domínio da norma culta não é uma fórmula mágica que, de um momento para outro, vai resolver todos os problemas de um indivíduo carente. É preciso favorecer esse reconhecimento, mas também garantir o acesso à educação em seu sentido mais amplo, aos bens culturais, à saúde e à habitação, ao transporte de boa qualidade, à vida digna de cidadão merecedor de todo respeito. (BAGNO, 1999, p. 70)

A mídia e a sociedade veem as gírias quem vêm das favelas como uma variante de baixo prestígio, pois estão ligadas a linguagem do jovem inconsequente, (LOPES et al, 2013), já que o vocabulário diferenciado é depreciado, pois o enfoque da mídia se restringe ao ato criminoso e causa um efeito negativo que fortalece o preconceito e aumenta a discriminação (DE OLIVEIRA, 2015), afinal, o preconceito não é diretamente linguístico, mas principalmente social, como afirma Alkimin (2005). Porém não é difícil perceber que a norma culta — por diversas razões de ordem política, econômica, social, cultural — é algo reservado a poucas pessoas no Brasil (BAGNO, 1999).

O que está em jogo não é a simples “transformação” de um indivíduo, que vai deixar de ser um “sem-língua padrão” para tornar-se um falante da variedade culta. O que está em jogo é a transformação da sociedade como um todo, pois enquanto vivermos numa estrutura social cuja existência mesma exige desigualdades sociais profundas, toda tentativa de promover a “ascensão” social dos marginalizados é, senão hipócrita e cínica, pelo menos de uma boa intenção paternalista e ingênua. (BAGNO, 1999, p. 70)

Assim, o preconceito existe não apenas em relação ao uso da língua, mas em uma relação sociopolítica em que se julga o falante (língua da boca), que sofre preconceito por não estar em conformidade com a gramática conservadora que goza do prestígio sociolinguístico (DE OLIVEIRA, 2015). Para Bagno (1999), temos de combater o preconceito linguístico com as armas de que dispomos e parar de acreditar que “brasileiro não sabe português”, que “português é muito difícil”. Da parte do professor em geral, e do professor de língua em particular, essa mudança de atitude deve refletir-se na não aceitação de dogmas, na adoção de uma nova postura (crítica) em relação a seu próprio objeto de trabalho: a norma culta.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os vocábulos gírios demonstram que existe, muitas vezes, uma forma de se relacionar a gíria com a visão que o falante expressa do mundo em que vive. (PRETI, 2002) A mídia e a sociedade veem as gírias que vêm das favelas como uma variante de baixo prestígio, pois estão ligadas a linguagem do jovem inconsequente (LOPES et al, 2013), porém o preconceito linguístico, não está relacionado, simplesmente, à forma de expressão do indivíduo, julga-se na verdade o contexto social do falante, que é expresso pela linguagem.

O ódio que a sociedade nutre por criminosos, somado ao preconceito linguístico, afasta o Estado de políticas públicas voltadas aos territórios dominados por traficantes de drogas. A língua é um dos principais instrumentos de mediação da comunicação e afastar-se do entendimento das variações linguísticas que ela apresenta é afastar-se, também, das pessoas que a utilizam e conseqüentemente marginalizá-las. Todos sabemos que, ao longo do tempo, o conhecimento mecânico da doutrina gramatical se transformou num instrumento de discriminação e de exclusão social (BAGNO, 1999).

Traficantes de drogas instrumentalizam a língua portuguesa de modo a atender seus interesses e mediar suas relações por meio do uso de gírias, muitas delas já vulgarizadas entre outros setores da população, com um discurso marcado pela ausência de concordância verbal e nominal, modalizadores, como os palavrões, e toda uma entonação propícia para imprimir poder, força e autoridade, de modo a intimidar traficantes rivais e estabelecer uma relação de identidade com os traficantes da mesma facção.

REFERÊNCIAS

- ALKMIN, T. Sociolinguística. In: MUSSALIN, F. & BENTES, A. C. (orgs.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. 3. ed. Vol.1. São Paulo: Cortez, 2005, p. 21 - 46.
- ATHAYDE, Celso; BILL, M. V. **Falcão: meninos do tráfico**. Objetiva, 2006.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz**. Edições Loyola, 1999.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. 1997.
- BAXTER, Alan; LUCCHESI, Dante. A relevância dos processos de pidginização e criouliização na formação da língua portuguesa no Brasil. **Estudos lingüísticos e literários**, v. 19, n. 65-84, 1997.
- CABELLO, Ana Rosa Gomes. Processo de formação da gíria brasileira. **Alfa: Revista de Linguística**, 1991.
- CASTELANO, Karine Lôbo; LUQUETTI, Eliana Crispim França L. Uma abordagem dos vocábulos “assim”, “tipo” e “tipo assim” e suas implicações para o ensino de língua portuguesa. **Revista Científica Interdisciplinar LSP. ISSN**, p. 2358-8411, 2014.
- CASTELLIANO, Tânia Regina. **Linguagem e poder: uma análise da inserção do falar dos meninos do tráfico em diversas práticas comunicativas**.
- DA COSTA BATISTA, Fernanda Félix; BARBOSA, Roberta Tiburcio; BARROS, Joseilma Pereira. **"A LÍNGUA DA "BOCA": LINGUAGEM E IDENTIDADE EM FALCÃO MENINOS DO TRÁFICO."**, 2016.
- DA SILVA, Edna Lucia; MENEZES, Estera Muszkat. Metodologia da pesquisa e

elaboração de dissertação. **UFSC, Florianópolis, 4a. edição**, v. 123, 2005.

DE OLIVEIRA, Darlene Alves; DOS SANTOS GOMES, Nataniel. **FALAR PRISIONAL: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DAS GÍRIAS UTILIZADAS POR HOMENS E MULHERES NOS PRESÍDIOS DE CAMPO GRANDE-MS**, 2015.

GENERALI, Sabrina Cancoro et al. MV Bill e o diálogo do tráfico: monitoramento de fala, estilo, identidade e preconceito lingüísticos. 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.

LOPES D.; LOPES M.; HENRIQUE P.; MARIA P.; BETÂNIA E. **A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO FILME CIDADE DE DEUS**. Rio Grande do Norte, Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), 2013.

LUCCHESI, Dante. As duas grandes vertentes da história sociolingüística do Brasil (1500-2000). **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 17, p. 97-130, 2001.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Texto e gramática**. Editora Contexto, 2006.

PRETI, Dino. **Sociolinguística: os níveis de fala: um estudo sociolingüístico do diálogo na literatura brasileira**. Edusp, 1994.

PRETI, Dino. "O léxico na linguagem popular: a gíria". **São Paulo: FFLCH, USP** (2002).

PINHEIRO, Flawbert Farias Guedes; DA SILVA, Edailton José Cavalcanti. **RELAÇÃO DA BAIXA ESCOLARIDADE COM A CRIMINALIDADE: CRIMES OCORRIDOS NA COMARCA DE BELÉM DO SÃO FRANCISCO-PE NO ANO DE 2019**. **Revista**

Jurídica Facesf ISSN 2763-7999, v. 2, n. 1, p. 29-41, 2020.

WIEDEMER, Marcos Luiz; DE OLIVEIRA, Marcia Lisbôa Costa. LER E ESCREVER PARA QUÊ? SENTIDOS DO LETRAMENTO ESCOLAR PARA ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI. **Revista Uniabeu**, v. 8, n. 18, p. 347-363, 2015.

ANEXO A — Transcrição dos áudios

Áudio 1:

Plaboy: E aê, seus cuzão. Tomá no cu, rapá. Brota. Brota no miolo pra nós trocá tiro. Nós tá pesado de dia e de noite. Brota aí, pô. Cês nem da ponte passô, seus cuzão. Se fuder. Tomar no cu Biscoitão, se ligô? Ó, tamo rico, Bombom tá rico. Capivara, tu tá passando fome nessa porra aí, rapá, tá ligado? Papo reto legal? Bombom tá rico. Bombom e o olho verde aqui, Batô, os dois é meu filho agora, pô, tá ligado? É meu filho, tem o Paulin tamém. É vários cria pô, o Pelézin... Os menó tá tudo como? Veio pro lado certo, seu cuzão, tá ligado? Veio pro lado certo. Os menó tá aí no mó complexão, pô. Bagulho tá é grandão, cuzão. Brota aqui no miolo pra tu ver pô, se os menó vai trocar contigo. Brota. Brota que eu quero ver. Ó, quem tiver escutando aí, a hora é essa, o muro tá baixo. Se quiser vir fechar com o certo, pode fechar. Se ligô? O muro tá baixinho, a hora é essa. Os menó tá aqui, tá na pureza, nós tá na pureza com eles. Ganharo apartamento, ganharo vários bagulho, sendo que como? Bem material não compa ninguém não, tá ligado? O que os menó queria mermo era consideração pô e eles tá teno com nós. Quem tá falano aqui é o Playboy pô. Ó, pode avisar o cuzão do Marreta, Jorge Turco, tá ligado? Vamo ir até... vou nem falá o dia. Até domingo vocês me espera no Jorge Turco. Tá ligado? Quem tá aí no Jorge Turco e na Palmeirinha e vai corrê, corre pá longe. Corre pro Chapadão, corre pá Alta, corre pá Vila Kennedy... Corrê aqui por perto eu vô lamber tudo porra. Jorge Turco e Juramento, tudo que era nosso vocês vai ter que devolver. A formiguinha de vocês tá falano né? Com quantos fuzil a gente tá, não tá? Vocês ouviro ou num ouviro? Adorei a piscina, adorei a piscina, esculachô, se ligô? Mó complexão, tá tudo dominado. E ôtra coisa hein? Pode vim com bondão da onde for, parcêro. Pode vim com bondão da onde for. Vai trocá tiro com nós a noite toda. E no ôtro dia? Os cara vai voltar. Tu acha que tu pode aguentar nós, Biscoitão? Tu acha que tu pode aguentar nós, Bêça? Nós com oitenta fuzil toda hora quebrano tudo aí? Coé, Bêça, tu deu foi mó sorte que tu tava embaixo da cama nessa porra. Tu deu foi sorte, teu cuzão, tá ligado? (*sic*).

Áudio 2:

DJ do Mandela: Ó, quem tá falando aqui é o DJ do Mandela, tá ligado? Num tem essa não, tá ligado? Tu sabe, é o Marretão mermo no comando. Nós vai tomá essa porra de novo e eu vô falá pá quem pulô: o muro não tá baixo não, o muro tá alto, tá ligado? Vai ficá fudido, tá ligado? Cuzão é tu, Prayboy, seu viado. Tu vai lá no Jorge Turco? Bota a cara lá então pá tu vê só, seu vacilão, seu comédia. Tu vai no Jorge Turco e nós vai tomá a Pedreira, tu vai ficar de calcinha rebolando nessa porra aí, ô viado. Vai tomá no cu. Sem esquecer do Morro do Chapadão que nós tá pesadão, tá ligado, mano? Quem tá lá na resposta é o mano Binho, o bagulho tá doidão, meu fiel. Se botá a cara, vai escutar muito rajadão e aí, na moral, Prayboy? Vai tomá no cu. Nós vai tomá a Pedreira, Lagartixa, Quitanda, nós vai vermelhar o complexozão todo de novo, irmão. Seu arrombado. *(sic)*

Traficante não identificado: Vai pulá igual pipoca, vai andá de calcinha, ô arrombado. *(sic)*

DJ do Mandela: Bagulho tá de verdade (risos). A rapaziada vai chegar... como? Pode corrê, se diverte enquanto é tempo, que vai acabar tudo isso. Até o Natal nós tamo com tudo de volta de novo. Tu gostô da piscina né, Prayboy? Então o que é teu tá guardado, tu vai nadar nela, mas cheia de sangue. *(sic)*